

OS SUFIXOS PORTUGUESES NUMA VISÃO DIACRÔNICA

Mário Eduardo VIARO (Universidade de São Paulo)¹

ABSTRACT: *This article deals with the polysemy of the Portuguese suffixes in a historical perspective. The most important meanings of the suffix -eiro are presented and their interrelationship is established in a hypothetical sequence, which is confirmed by the Cantigas de Santa Maria (13th century) and the texts of Gil Vicente (15-16th century).*

KEY WORDS: *Portuguese, suffixes, Historical Linguistics.*

O presente trabalho integra uma das vertentes do projeto Formação da Diversidade do Português Brasileiro, mais especificamente o estudo diacrônico dos sufixos derivacionais, área praticamente inexplorada pela Morfologia Histórica. Apesar de constantemente listados, os sufixos e suas acepções aparecem muito comumente como algo desconjuntado e caótico.

O primeiro problema que se levanta diz respeito à natureza do significado dos sufixos. Não raro, os sufixos são considerados como destituídos de significado, uma vez que há uma certa irregularidade na formação das palavras. De *sapato* deriva-se *sapateiro*, assim como de *sal* sai *saleiro*. Aparentemente nada haveria de comum entre uma coisa e outra e apenas a partir do radical *sapat-* ou *sal-* teríamos uma derivação obscura de atos ou fatos vagamente relacionados. Entretanto, não é incomum o radical encontrar-se opaco. Apesar de *carpinteiro* e *marceneiro* terem radicais pouco claros, ninguém negaria que se trata de profissões. Há, por meio dos mesmos elementos, palavras como *carpintaria* e *marcenaria*, mas que significa *carpint-* e *marcen-*? Também o sufixo de *chiqueiro* tem a mesma função do de *galinheiro*, sem que fique claro ao falante o que quer dizer o radical *chic-*. A partir desse raciocínio podemos também inferir que é o sufixo que carrega a maior quantidade de significado e isso parece ser confirmado fonologicamente pelo acento tônico. De fato, *pedreiro* tem a raiz de *pedr-*, mas um pedreiro não trabalha apenas com pedras, assim como uma *leiteira* pode servir para ferver água e não leite. O momento da criação do vocábulo, normalmente perdido, envolve também fatores sociolinguísticos de natureza variada. Uma vez criada a palavra, a atuação de metáforas é inevitável. A palavra *barbeiro* significando “profissão” reside na junção do radical da palavra-base *barba* e o mesmo *-eiro* indicador de profissão, no entanto já não se pode falar que *-eiro* signifique “inseto” quando *barbeiro* é o transmissor da doença de Chagas, tampouco significa “que (faz algo) mal”, quando *barbeiro* é o mau condutor de veículos. Há portanto que se diferenciar o significado da palavra-base (muitas vezes apagado com o tempo), o do sufixo (que, quando perde a produtividade, também pode se tornar apagado) e o da palavra derivada (que é, muitas vezes, imprevisível). Real problema com o significado são os interfixos, estranhos signos com significante mas sem significado. Entre os interfixos integram-se vogais e consoantes de ligação bem como sílabas ou seqüências de sons, pertencentes a sílabas distintas. De *chá* nasce *chaleira*, de *café*, *cafeteira*. Há,

¹ e-mail: maeviaro@usp.br, página: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport>

portanto, duas soluções para se evitar a segmentação de signos sem significado: ou temos alomorfes do radical (*chal-*, *cafet-*) ou do sufixo (*-leir-*, *-teir-*). De *canavial* surge um interfixo *-avi-*; de *beberrão*, temos *-err-*; de *comilão*, *-il-*; de *dorminhoco*, *-inh-*; de *sabichão*, *-ich-*. É possível que encontremos aí suporte para uma teoria de uma base múltipla, em que a analogia atue de maneira preponderante.

Um segundo problema advém da mudança categorial promovida pelos sufixos. É preciso ainda observarmos que, segundo a ótica das teorias morfológicas (Rio-Torto, 1998) que alguns sufixos têm a propriedade de modificar a classe a que pertence a palavra-base, ou seja, são isocategóricos (*grosso* → *grosseiro*, *celeste* → *celestial*) enquanto outros, são heterocategóricos (*gosto* → *gostoso*, *nariz* → *narigudo*). A função distingue-se do significado, uma vez que teríamos, *a priori*, sufixos denominais, deadjetivais, deadverbais e deverbais, que podem formar substantivos, adjetivos, advérbios ou verbos. Poderíamos aproveitar a notação de Tesnière, baseada nas terminações do esperanto (O=substantivo, A=adjetivo, E=advérbio, I=verbo), para representar sucintamente essas transformações da seguinte forma: O >> O (*pedra* → *pedreiro*), O >> A (*verdade* → *verdadeiro*), O >> I (*pestana* → *pestanejar*), A >> O (*prático* → *praticidade*), A >> A (*certo* → *certeiro*), A >> I (*vermelho* → *avermelhar*), A >> E (*verdadeiro* → *verdadeiramente*), I >> A (*desgastar* → *desgastante*), I >> O (*entupir* → *entupimento*) etc. Essa divisão, contudo, pressupõe um rótulo para a palavra-base e, de fato, o radical *gost-* não é, *a priori* e sincronicamente pensando, nem substantivo, nem verbo, nem adjetivo. Esse é o maior problema da derivação regressiva: diante de palavras como *âncora*, *dança*, *ancorar*, *dançar*, afirma-se, amiúde, por meio de a regra da dinamicidade que de um objeto concreto é possível nascer uma ação, mas de um fato dinâmico não, pois ele o teria herdado do verbo, ou seja, *dançar* → *dança*, mas *âncora* → *ancorar*. No caso da derivação regressiva, a necessidade de informação histórica se mostra ainda mais imperiosa e, sendo aplica, muitas vezes, invalida-se a regra da dinamicidade. Um único exemplo basta: historicamente, de *colação* nasce o verbo *colar* (na expressão *colar grau*) e não o contrário.

Essas considerações nos conduzem ao terceiro problema: o estabelecimento da palavra-base. É inegável que haja derivação, no entanto, o estudo estritamente sincrônico desse capítulo gramatical se revela, no mínimo, um contra-senso. Se uma palavra *x* deriva uma palavra *y*, é evidente que *x* surgiu antes de *y* e, portanto, há um intervalo de tempo entre *x* e *y*. As palavras *pedra* e *pedreiro* não surgiram ao mesmo tempo, portanto, uma segmentação de morfemas, pura e simplesmente, não dá conta do problema da multiplicidade de significados dos sufixos, nem da presença dos interfixos. Falar de derivação de palavras, sob esse ângulo é falar de diacronia, da mesma forma que não faz sentido falar de hibridismo sob uma ótica estritamente sincrônica. Normalmente, atribui-se a um componente morfológico um conjunto de formações idiossincráticas, que não participam das regras lexicais (cf. Villalba, 2000). Esse conjunto de exceções é, na verdade, uma lista de palavras formadas em outras etapas lingüísticas e, saussureanamente pensando, em outros sistemas: no latim, no latim medieval, no português pré-grafado, no português antigo, no português renascentista etc. para não falarmos de formações não-portuguesas (muitas vezes criadas no francês ou no inglês e aportuguesadas). É interessante observar que um sufixo como *-arius* dispunha de certo significado, produtividade e mudança categorial no latim e foi herdada, ao lado das inovações, no sufixo *-eiro*. Do ponto de vista diacrônico, não só se pode afirmar que *-eiro* vem de *-arius*, mas que *-arius* e *-eiro* são a mesma coisa, do mesmo modo que *casa* é, em grande parte, a mesma coisa que o latim *casa*, a despeito

da generalização semântica (“cabana” → “qualquer residência”) e da alteração fonética (o -s- intervocálico se teria sonorizado). Dizer que uma palavra como *anticoncepcional* se tenha formado em português a partir de elementos decomponíveis como *anti-*, *concepc-*, *-ion-* e *-al* é mascarar o fato de que essa palavra foi formada em outra língua: o dicionário Houaiss data sua grafia em 1949. O francês *anticonceptionnel* é datado, no Petit Robert, de 1905 (Rey-Debove & Rey, 1993). É claro que é possível que uma palavra tivesse surgido primeiro no português falado, migrado para o francês e o francês a tivesse registrado antes, mas isso é incomum em formações cultas como essa. Não seria, ademais, coincidência o surgimento de palavras semelhantes em sistemas diferentes como italiano *anticoncezionale*, catalão *anticoncepcional*, alemão *antikonzeptionell* (ao lado do castelhano *anticonceptivo* e do inglês *contraceptive*). Essas palavras deveriam ser estudadas separadamente, cada uma em seu sistema ou são a mesma palavra? Retirado o imenso número de palavras formadas pela via erudita desde o surgimento do português (igreja, escola, universidade, especialidades profissionais e tecnológicas, meios de comunicação atuais), sobraria um número bastante reduzido de palavras e talvez por alguma auto-afirmação nacionalista (nascida na época pós-Bonaparte e transmitida sem questionamento nas entrelinhas epistemológicas até os dias de hoje), as fronteiras lingüísticas dos sistemas tenham sido tão fortemente defendidas tanto pelos puristas quanto pelas teorias lingüísticas.

Assim, para nós, o sufixo *-eiro* está presente não só em *sapateiro*, mas também em *primeiro*: nem a opacidade do radical, nem a multiplicidade semântica do sufixo devem afastar o fato de que o sufixo *-arius*, produtivo no momento da formação de *primarius*, se tenha tornado *-eiro* e, trazendo consigo *primeiro*, formado no latim, tenha servido de base para formação de outras palavras, como *sapateiro*. Por outro lado, *cadeira*, *madeira*, *feira* ou *freira* não estão vinculados ao sufixo *-arius*. Sincronicamente, contudo, reforçam o molde *-eiro* e não é de todo excluída a sua participação no sistema. Assim, *macaxeira* não tem nada a ver com *-arius*, mas por uma coincidência, a palavra tupi tem semelhança com palavras derivadas que indicam “nomes de planta”, como *roseira*, *palmeira*, *mangueira* etc., tanto que graficamente um *-i-* etimológico (raramente pronunciado) foi acrescentado à escrita. A não-consciência etimológica do falante é um fato, mas é estranho ignorar a etimologia nas teorias lingüísticas, como se suas conseqüências fossem completamente desimportantes para o estado atual do sistema. O mesmo desinteresse pela etimologia se vê em outras facetas da língua, como, por exemplo, na influência da escrita sobre a fala: abstrair a existência da escrita numa língua não-ágrafa nos conduz a sérios impasses na explicação das palavras formadas por acrossemia (como *petista*, *uspiano* e outros), sem falar que é a única explicação para a pronúncia de determinados sons, como o *-b* na palavra *sob*, restaurado pela escrita etimológica a partir da antiga forma *so*, ou ainda a diferença de pronúncia, na fala, do *-x-* em *tóxico*. Normalmente a solução do “recorte do objeto” tem sido a mais usada para justificar a escolha de temas poucos espinhosos.

Com relação a *-eiro*, pode-se teorizar a seqüência das seguintes etapas a serem averiguadas por meio de dados:

Etapa I: A função inicial de *-eiro* era a de um *sufixo denominal e relacional, formador de adjetivos*. Provavelmente a primeira função do *-arius* latino seria essa (O >> A). Encontram-se, numa pesquisa a dicionários de latim (Gaffiot, 1934), palavras como *abecedarius* “relativo ao alfabeto”, *abietarius* “referente ao abeto”, *acinarius* “da uva”, *beneficiarius* “que provém de um benefício”, *bestiarius* “de fera”, *chartarius* “concernente ao papel”, *denarius* “de dez”, *funerarius* “relativo aos funerais”. Muitas

dessas formas foram reintroduzidas no português sob a forma do sufixo *-ário*, irmão gêmeo de *-eiro*. No entanto, o fato de muitas dessas formas serem hoje em dia substantivos decorre de uma mudança funcional já existente no latim. Assim, *operarius* significava inicialmente “relativo ao trabalho”, de modo que se podia falar de *homo operarius* “pessoa que trabalha” bem como *pecus operarium* “animal de carga”. O uso de *operarius* como substantivo “trabalhador” coexiste como o uso adjetival, em Cícero. Formam-se, assim, substantivos provenientes de outros substantivos, ou seja O >> O. Também *denarius*, acima citado cedo, se tornou um substantivo.

Etapa IIa: A partir dessa derivação surge o uso de *-arius* como indicador de profissão, já no período tardio ou na alta Idade Média. Por exemplo, *cocinarius* “relativo à cozinha” cedo passou a referir-se àquele que trabalha na cozinha, o *cozinheiro*. A função inicial de criação de adjetivos não deixou de existir, antes estendeu-se também para casos do tipo A >> A: de *primus* surge a forma reforçada *primarius*, de *secundus*, *secundarius*; de *tertius*, *tertiarius*. Dessa forma, pode-se generalizar que uma função inicial ou um sentido inicial não deixam de existir ao se gerarem funções ou sentidos derivados, antes convivem com eles. A questão se coloca apenas quanto à produtividade, que cai, pois se inicialmente temos 100% das palavras em *-arius* com a mesma função, na segunda etapa, essa totalidade é distribuída entre a inicial e a(s) secundária(s). Uma série de palavras passa indicar profissões: *bigarius* “condutor de biga”, *musicarius* “fabricante de instrumentos musicais”. Daí também surgem *scutarius* “quem fabrica escudos”, *caballarius* “quem cuida dos cavalos”, donde não se derivam com certeza *escudeiro* e *cavaleiro*, que têm significados bem distintos. A produtividade de *-arius* permitiu, em latim, a criação dessas palavras a partir de *scutus* e de *caballus* e, da mesma forma, *-eiro* gerou outras duas, a partir de *escudo* e *cavaleiro*. Dizer que *scutarius* > *escudeiro* e que *caballarius* > *cavaleiro* seria, no mínimo, uma simplificação, típica de estudos diacrônicos. É possível que a regra de formação de palavras atue mais de uma vez e, nesse ponto, a morfologia gerativa chegou a uma noção bastante correta. Não é preciso que se escute uma palavra como *mochilada* para que se tome ciência da sua existência: basta que se reconheça em *mochila* um objeto com o qual é possível se dar um golpe e o significado de *-ada* para “golpe”, daí também no discurso é possível surgirem formas como *apagadorzada*, *gizada*, *alicatada* sem que haja conhecimento do falante se aquela palavra alguma vez tenha sido empregada.

Etapa IIb: paralelamente à formação de substantivos indicadores de profissões, é possível observar que *-arius* passou a associar-se com nomes de árvores frutíferas. Apesar de **piraria* (derivada de **“arbor piraria”*) não ser uma forma abonada nos dicionários de latim, dela surgem palavras em várias línguas românicas, mostrando ter uma ampla divulgação no latim (REW 6524: engadino *pairer*, friulano *perár*, francês *poirier*, provençal *perier*, catalão *perera*, português *pereira*). A maioria das línguas não aumentou esse veio. Mesmo o castelhano, diferentemente do português, não fez um uso tão abrangente quanto o português, que, a partir de formas como *ameixeira*, *avelaneira*, *amendoeira*, *macieira*, *nogueira*, *limoeiro*, *figueira*, *parreira*, *laranjeira*, *oliveira*, *pessegueiro* ampliou bastante esse léxico a partir do séc. XVI, com o conhecimento de outras frutas: *abacateiro*, *açazeiro*, *cajueiro*, *jabuticabeira*, *jaqueira*, *mangabeira* etc. Uma generalização desse uso (**etapa IIba**) se encontra em algumas outras plantas, não-frutíferas: *roseira*, *espinheiro*, *palmeira*, *paineira*, por exemplo.

Subgrupos facilmente se formam, assim um grupo proveniente de IIa (anotado como **etapa IIaa**) seria os gentílicos: *brasileiro* “proveniente do Brasil”, *mineiro*

“nascido em Minas”, criando um concorrente para *-ense* ou *-ano*, mas de uso inicialmente restrito por indicar “quem trabalhava com pau-brasil” ou “quem trabalhava nas minas”. No entanto, hoje em dia, o *-eiro* gentílico se vê em *campineiro*, *pantaneiro* e outros. Também de IIa surge uma **etapa IIab** com aspecto freqüentativo bastante marcado, isto é, “pessoa que (faz algo) muito”. Assim, *aventureiro* não é propriamente uma profissão. Ao longo dos séculos também ao grupo I acrescentaram-se formas do tipo E >> A, como *diante* → *dianteiro*, bem como ao grupo II surgem formas do tipo I >> O: *lavar* → *lavadeira* (nesse caso, porém, a base é participial, o que possibilita uma forma intermediária *lavar* → *lavado* → *lavadeira*, ou seja I >> A >> O).

Etapa III: a partir de IIa, o sufixo passa a indicar, por meio de uma metáfora sobre a profissão, objetos com determinada função. Assim, da mesma forma que *peixeiro* é um homem que vende peixes, *relojeiro* aquele que conserta relógios, *carroceiro* quem conduz carroças, também *saleiro* guarda o sal; *açucareiro*, o açúcar; *manteigueira*, a manteiga. Na etapa III, o sufixo passa a designar “objeto que tem a função de guardar (algo)”. Daí derivam-se ainda *charuteira*, *alfineteira*, *cartucheira*, *cigarreira*, *paliteiro*, *cinzeiro*, *papeleira*, *prateleira*, *geladeira*, *sopreira* etc. Em alguns casos, a distinção é contextual, uma vez que *chaveiro* pode ser tanto a pessoa que trabalha com chaves quanto o objeto que guarda chaves. Um *carteiro* trabalha com cartas, já uma *carteira* é um móvel ou uma bolsa onde se guardam cartas (ou seja, papéis ou documentos). Em todos esses casos, o sufixo é isocategórico O >> O.

Subgrupos relacionados com essa etapa são bastante freqüentes. Uma etapa interessante (que chamamos **etapa IIIa**) marca “objetos que servem para (fazer algo)”. Nesse caso, há também mudanças heterocategóricas do tipo I >> O: *assadeira* serve para assar, *frigideira* serve para frigar. Quando, nesse caso, o sufixo é heterocategórico, então subentende-se um verbo: *pulseira* serve para (ornamentar) o pulso, *banheira* serve para (tomar) banho, *joelheira* serve para (proteger) o joelho, *mosquiteiro* serve para (proteger) os mosquitos. Em todos esses casos, pode-se dizer que houve uma generalização do uso da etapa III.

Uma **etapa IIIb** generalizaria também, mas mantendo o valor de “guardar”. Nesse caso, não se trata de objetos, mas de “locais onde se guarda (algo)”. Saem daí *galinheiro*, *coelheira*, *chiqueiro* entre outros. Praticamente trata-se do mesmo sentido da etapa III, mas em vez de se guardar algo inanimado, guarda-se um animal, por isso não se vê o resultado como um objeto, mas como um local. De IIIa pode-se extrair um caso semelhante: *banheiro* é o “local onde se (toma) banho” e não o “objeto com que se toma banho”, como em *banheira*.

Etapa IV: como um objeto ou um local que guarda algo contém muito desse algo guardado, é possível deduzir daí um sentido de “local em que há muito (algo)”. Um *formigueiro* é um local onde há muitas formigas. O mesmo se pode dizer de *vespeiro*. Um sentido de coletividade é facilmente depreensível daí, numa variação chamada **etapa IVa:** *berreiro* seria uma porção de berros, *cabeleira* uma grande quantidade de cabelos. Daqui também se deriva uma forma pleonástica: *montoeira*. Quantidade e intensidade andam juntas no português, como se pode perceber pelo advérbio *muito* que serve para as duas coisas (diferentemente, por exemplo, do inglês: *very*, *many*, *much*); dessa forma, deriva-se um subgrupo (**etapa IVaa**), observável em *poeira* para marcar um pó intenso ou em *nevoeiro* é uma névoa densa. Um caso curioso é o de *chuveiro*, que inicialmente marcava uma chuva intensa e atualmente, por metáfora, um aparelho específico para se tomar banho. Sincronicamente não é possível dizer que o *-eiro* de *chuveiro* tenha o significado de “aparelho” ou coisa do gênero, pois isso não seria de

modo algum produtivo (embora alguns sufixos como *-or* o façam: *impressora*, *computador*, *lavadora*, *secadora*). Da mesma forma, o fato de *-eira* aparecer em muitos sobrenomes não autoriza uma etapa com essa finalidade, uma vez que cada uma dessas palavras se formou isoladamente: *Pereira*, *Nogueira*, *Oliveira* a partir dos nomes de árvores, *Ferreira* por referência a topônimos com minas de ferro etc. Não se quer dizer com isso que não existem sufixos para sobrenomes. Embora hoje improdutivo, o sufixo *-es* formador de patronímicos, foi um caso desses: *Nunes*, *Peres*, *Soares*, *Rodrigues*, *Álvares*, *Gonçalves* entre outros. Novamente é preciso separar o significado do sufixo do significado da palavra derivada.

Etapa V: por fim, de IIab é possível derivar um marcador de aspecto freqüentativo, associado a uma valoração pejorativa. Assim, *pianeiro* pode ser quem fabrica pianos, como quem costuma tocar piano e o faz geralmente mal. A transição de um significado descritivo para um valorativo é bastante significativa. O sufixo *-eiro* marcador de profissões concorre com outros, como o mais antigo *-or* e com o mais recente *-ista* (que se generalizou a partir do século XVI). Pode-se afirmar, *grosso modo*, que profissões mais populares acabaram sendo associadas com *-eiro*, enquanto outras menos populares a *-or* ou *-ista*. Provavelmente advém do preconceito de atribuir as profissões populares a tarefas pouco dignas que tenha advindo o traço de pejoratividade. Essa etapa divide-se em vários tipos: chamemos **etapa Va** aos “atos característicos de (quem faz algo julgado como mau, desagradável ou ridículo)”: *bandalheira*, *ladroeira*, *choradeira*, *bebedeira* pressupõem um aspecto freqüentativo herdado de IIab, já *asneira*, *besteira*, *bobeira* não necessariamente. Um segundo tipo importante, chamado **etapa Vb**, indicaria uma “situação física desfavorável” com valor durativo: *canseira*, *leseira*, *gagueira*, *cegueira*, *pasmaceira*.

Confirmando essas etapas em um *corpus*, escolheram-se as *Cantigas de Santa Maria*, datadas de 1270-1282 (Mettmann, 1974). Das 420 cantigas, extraíram-se 84 palavras *-eiro*, formadas em tempos distintos: sete, nos períodos arcaico e clássico do latim (séculos VII a.C. a I d.C.): *primeiro*, *dinheiro*, *senheiro* “sozinho”, *terceiro*, *obreiro*, *ceveira* “cereal”, *febreiro* “fevereiro”; onze entre III a.C. e V d.C.: *maneira*, *cavaleiro*, *porteiro*, *pegureiro* “pastor”, *usureiro* “usurário”, *escudeiro*, *figueira*, *caldeira*, *ribeira*, *lumieira*, *fogueira* (desses, 45,45% são profissões e um caso de árvore frutífera); seis no latim tardio e medieval: *tesoureiro*, *terreiro*, *besteiro* “que cria bestas”, *semedeiro* “caminho”, *merceiro* “misericordioso”, *homizheiro* “homicida”. Paralelamente, as formas hipotéticas (ao todo cinco palavras) para o intervalo entre III a.C. e XIII d.C. apontam para a maioria de profissões (Viaro, 2003).

As palavras mais recentes, formadas no Ibero-romance ou em alguma língua românica (principalmente o francês), são associáveis à etapa II (*monteiro* “caçador”, *marinheiro*, *pedreiro*, *arqueiro*, *vozeira* “advogada”, *justiceiro*, *guerreiro*, *covilheira* “camareira”, *evangelisteiro* “clérigo que recebeu as ordens maiores”, *caleiro* “operário dos fornos de cal”, *falcãoeiro* “que caça com falcão”, *mercadeiro* “negociante”, *ovelheiro* “pastor de ovelhas”, *romeiro*, *peleteiro* “quem trabalha com peles”, *mandadeiro* “mensageiro”, *esmoieiro* “que dá esmolas”, *grueiro* “caçador de grou”, *tendeira* “vendedora”, *despenseira* “que trabalha na despensa”), mas há outros derivados referentes a seres humanos, associados à etapa I, como *companheiro*, *solteiro*, *herdeiro*, enquanto um número significativo (12,96%) tem um traço freqüentativo evidente, associado à etapa IIab (*parleiro* “falador”, *torticeiro* “que comete injustiças”, *virtudeiro* “milagroso”, *sabedeiro* “conhecedor”, *mentireiro* “mentiroso”, *direitureiro* “justo”, *duradeiro* “duradouro”, *prazenteiro* “prazeroso”) ou associados a objetos e

locais, isto é, à etapa III (*carreira* “por onde passam os carros”, *moleira* “parte superior da cabeça (que é mole nas crianças)”, *cabeceira*, *mineira* “mina”, *vidreira* “vítal”, *barreira*, *tabuleiro*, *outeiro*, *fronteira*, *regueiro* “regio d’água”, *costeira*, *terronteiro* “monte de terra”: 12,96%), mas apenas dois exemplos de vegetais (*azinheira*, *giesteira*: 3,7%). A antiga função da etapa I mostra-se ainda bastante produtiva: *dianteiro*, *fronteiro* “próximo”, *postremeiro* “último”.

Verifica-se que desde os textos mais antigos, praticamente todas as etapas estavam muito presentes. A falta de representantes da etapa V é, no entanto, significativa. No intervalo que existe entre as Cantigas de Santa Maria e os textos de Gil Vicente, percebe-se que se avolumou o seu número: *canseira*, *grosseiro*, *lazeira*, *mexeriqueiro*, todos também abonados mais tarde no dicionário Houaiss (2001), que ainda aponta para *ladroeira* o séc. XVI, *gagueira*, *choradeira* o séc. XVIII, *bebedeira*, *bandalheira*, *pasmaceira* para o séc. XIX, *besteira* para o séc. XX. Assim, *asneira* “ato bobo (que lembra o de um asno)” aparece no séc. XVIII, ao contrário de *asneiro* “referente ao asno, criador de asnos”, que é do séc. XIII.

Essas datas são preliminares. Há muito que fazer nessa área da Morfologia Histórica: não são datadas palavras como *bobeira* ou *leseira*. Tampouco se preocupou em investigar as datações das acepções: *choradeira* na acepção de “mulher que chora muito” e na de “choro constante” certamente apareceram em etapas de produtividade distintas. É certo que é possível que a datação ocorra de maneira invertida, uma vez que as palavras não são escritas no momento em que são criadas, porém faltam estatísticas mais precisas para localizar temporalmente as etapas acima apresentadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- METTMANN, Walter. *Cantigas de Santa Maria*. Lisboa: Por ordem da Universidade, 1974. v.4.
- GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.
- HOUAISS, Antônio (org.) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MEYER-LÜBKE, Wilhelm. *Romanisches etymologisches Wörterbuch* (REW). Heidelberg: Carl Winter, 1992.
- REY-DEBOVE, Josette & REY, Alain (ed.) *Le nouveau petit Robert*. Paris: Le Robert, 1993.
- RIO-TORTO, Graça M. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto editora, 1998.
- SANDMANN, Antônio J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor/Ícone, 1989.
- VIARO, Mário E. Para um estudo de semântica sincrônica dos sufixos derivacionais em português do séc. XIII. *Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*. Taubaté: Unitau, 2003. CD-ROM (com. 95).
- VILLALBA, Alina. *Estruturas morfológicas do português: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa: Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2000.